

# TENDÊNCIAS DA EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICO-GRAMATICAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS E A INSTITUIÇÃO DAS LÍNGUAS NEOLATINAS

*José Mario Botelho (FFP-UERJ)*  
[jomartelho@gmail.com](mailto:jomartelho@gmail.com)

## RESUMO

A partir do fato de o latim vulgar ter sofrido, desde o século III da nossa era, o fenômeno da dialeção, cujo processo se intensificara após a queda do Império romano, e ter-se transformado em novas línguas, esse trabalho objetiva descrever certos aspectos da formação dessas línguas emergentes do latim. Para essa tarefa, vou tratar especificamente da evolução linguístico-gramatical das línguas românicas, que se estabeleceram paulatinamente, possibilitando a instituição das línguas neolatinas da modernidade. Logo, comentarei sobre os aspectos de ordem fonética, morfológica, sintática e semântica das transformações do latim vulgar, que caracterizam as novas gramáticas na România, mais especificamente na península Hispânica.

### Palavras-chave:

Línguas neolatinas. Línguas românicas. Evolução linguístico-gramaticais.

## RESUMEN

Dado que el latín vulgar ha sufrido, desde el siglo III de nuestra era, el fenómeno de la dialectalización, cuyo proceso se intensificó tras la caída del Imperio romano, y se ha transformado en nuevas lenguas, este trabajo se propone describir ciertos aspectos de la formación de estas lenguas surgidas del latín. Para esta tarea me ocuparé específicamente de la evolución lingüístico-gramatical de las lenguas romances, que se fueron consolidando paulatinamente, posibilitando la institución de las lenguas neolatinas de la modernidad. Por tanto, comentaré los aspectos fonéticos, morfológicos, sintácticos y semánticos de las transformaciones del latín vulgar, que caracterizan las nuevas gramáticas en Rumanía, más concretamente en la península Hispánica.

### Palabras clave:

Lenguas neolatinas. Lenguas romances. Evolución lingüístico-gramatical.

### *1. Introito: O surgimento das línguas românicas da península Hispânica*

É fato que, no século V, os até então poderosos romanos sofreram a derradeira derrota para os suevos, vândalos e alanos, povos bárbaros, que, numa ação conjunta, invadiram a península Hispânica (ou Ibérica), causando a queda do Império Romano do Ocidente. Como consequência, a língua latina, que já se mostrava bastante modificada por ação dos substratos peninsulares – as línguas celtiberas –, entra em colapso numa profunda dialeção.

Em meio àquele processo de transformação, que criava um verdadeiro caos linguístico nesse primeiro século de ocupação daqueles povos bárbaros,

que também adotaram a língua latina, intensificavam-se as influências dos substratos celtiberos. As regiões ocupadas pelos diferentes povos bárbaros dominadores, que haviam destruído estradas, escolas e templos romanos, praticamente se isolavam, e, embora a latinização tivesse tido continuidade, porquanto o latim vulgar permanecia sendo a língua de todos os habitantes da península, o processo de dialeção se estabelecia inexoravelmente.

Nesse período do pós-queda do Império, surgiam muitos romances (ou romances), e a efetivação desses falares vulgares se estendeu até o século IX, em que se multiplicaram em toda a área do antigo Império, sendo que alguns evoluíram para certas línguas românicas. Nesse período, a evolução dos romances estava em plena atividade em toda a România<sup>1</sup> (área do antigo Império): muitos desapareceram, porém; outros se fundiram e outros foram tomados como línguas românicas.

Nessa fase de transição, têm-se diversos textos escritos em latim bárbaro<sup>2</sup> (ou imperial), os quais evidenciam as diversas línguas românicas. Nelles, os copistas da época sempre deixavam marcas de sua oralidade, o que nos possibilita, inclusive, supor que um romance lusitano (ou galaico-português) já devia existir no século VIII, como afirma o filólogo português J. J. Nunes em suas obras:

A existência, porém, do português já no século viii é-nos atestada pelos documentos da época, escritos em Latim bárbaro, nos quais, devido à insciência dos notários que os redigiam, transparecem aqui e ali termos que eles iam buscar à língua falada, sendo só no século vii que aparecem textos completos nesta última. (NUNES, 1906, p. xix-xxi)

Podemos, portanto, encontrar indícios desse falar cristão lusitano (ou português ou galaico-português) em textos escritos em latim bárbaro (ou latim “corrupto”, segundo certos estudiosos como Alexandre Herculano (1867, p. viii): “*rem insuper in pejus vertebant diplomatum scribae et notarii unico illo stigmatate uti nescientes: nulla scribenti lex, nec norma, nec ratio erat*” (“Além disso, a situação era agravada pelos escrivães e notários dos diplomas (documentos), que não sabiam como usar aquela única marca (gra-

---

<sup>1</sup> “ROMÂNIA – Nome convencionalmente dado ao conjunto de regiões do Império Romano, em que se radicou o latim como língua regional, substituindo-se às antigas línguas vigentes antes da conquista romana. Essas regiões foram a princípio a península Itálica, o vale do Danúbio, a costa leste do Adriático, a Dácia nos Balcãs, as Gálias, a península Ibérica, as ilhas mediterrâneas ocidentais, como a Córsega e a Sardenha, e a costa africana mediterrânea.” (Câmara Jr., 1985b, p. 211). Também, se pode falar em uma România descontínua, considerando as diversas áreas em que se efetivam as diversas línguas neolatinas.

<sup>2</sup> Trata-se de um tipo de texto escrito em latim do século IX, em que se constata estruturas morfossintáticas e/ou termos com uma grafia estranha em relação à grafia latina ou que não pertenciam ao vocabulário latino propriamente.

fia). Não havia lei, nem regra, nem razão para escrever.”), do final daquele século.

Portanto, no século VIII para o século IX, já seria possível se verificar uma comunicação vulgar de natureza galaico-portuguesa, que seria a base para o galego--português do século XII, de que se tem comprovações documentadas, em textos nesse latim bárbaro do final do século VIII para o século IX, como comenta Haug (1989):

Na época proto-histórica, documentos escritos em latim bárbaro atestam já palavras e expressões do romance galaico-português: *estrata* (estrada, lat. *via*), *conelio* (coelho, lat. *cuniculum*), *artigulo* (artigo, lat. *articulum*), *ovelia* (ovelha, lat. *ovicula*), *paredes* (lat. *parietes*), *ad vobis* (a vós, lat. *vobis*), *ut vunderemus* (vendermos). São documentos públicos. Testamentos, doações, contratos de compra e venda, e também documentos jurídicos, como cartas, leis forais, inquirições sobre propriedades, todos escritos em cartórios, naquele latim bárbaro, tabelionário, pretensiosamente gramatical, mas, na verdade, estropiado, inorgânico, mistura de formulário tabeliônicos com locuções e vocábulos do romance, numa forma pseudolatina. (Haug, 1989, p. 20-1)

De fato, várias mudanças de ordem fonética, morfológica e léxica, sintáticas e semânticas podem ser assinaladas na passagem do latim vulgar para as línguas românicas.

Tais evoluções ocorreram ao longo do tempo, primeiramente formando os romances, muitos dos quais evoluíram para as respectivas línguas românicas, que surgiram a partir do século VIII com a instituição dos reinos cristãos que se formaram durante a Reconquista Cristã. E algumas dessas línguas românicas evoluíram e foram tomadas como línguas neolatinas.

Os metaplasmos – alterações gráfico-fonéticas –, que sofreram as palavras durante a evolução das línguas românicas, caracterizam essas variações de natureza fonético-fonológica. Também em grau considerável, certas variações na passagem das línguas romances para as línguas neolatinas ocorreram devido a fatores “externos”, que normalmente se efetivam do contacto entre línguas diferentes.

Assim, uma “língua neolatina” é a evolução de uma língua românica ou a sua instituição como um idioma normalmente nacional e oficial de uma dada nação independente da atualidade ou de uma comunidade com *status* de Estado independente.

## **2. O desenvolvimento em níveis fonético e morfológico**

No processo evolutivo das transformações do latim vulgar, podem-se constatar aspectos de ordens fonética e morfológica, que caracterizam as novas gramáticas em toda a România. Logo, vamos aprofundarmo-nos na

descrição dos aspectos de formação dessas novas línguas da Hispânia, em particular.

Considerando plausível o conceito de “tensão sintagmática”, há estudiosos que afirmam que o próprio sistema fonológico de uma dada língua revela um equilíbrio entre a necessidade de distinguir um número conveniente de unidades significativas e a tendência natural a restringir o uso dos meios de expressão (Cf. Martinet, 1955)<sup>3</sup>. O linguista estruturalista teuto-polonês Edward Sapir, em 1921, concebia uma “deriva”, relacionada às mudanças fonético-fonológicas, que se norteariam pelas tendências do próprio sistema, estabelecidas pela relação língua–cultura. Segundo Sapir, “a linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva.” (Sapir, 1971, p. 151). Ou seja, as mudanças, nesse caso, se dariam por conta da própria estrutura da língua, em função de determinados aspectos socioculturais. Nesse caso, a deriva seria uma tendência das línguas em se acomodarem.

Ainda no latim vulgar peninsular, observavam-se, na fonética, os seguintes processos regulares:

– uma preferência à pronúncia paroxítona, que já era uma tendência no latim vulgar da época do Império (*cathedra*, em vez de *cathedra*; *limite*, em vez de *limite*; ou *oclus*, em vez de *oculus* e *viridis*, em vez de *viridis*). A transformação se dava ora por hiperbibasmo (silabação ou deslocamento do acento tônica), com a simples mudança da sílaba tônica (*cathedra* > *cathedra*: *cadeira* (port. e gal.), *cadira* (cat.), “sedia” (esp. e it.), “chaise” (fr.) e “scau” (rom.); *muliere* > *muliere*: *mulher* (port.), *muller* (gal.) *mujer* (esp.), “dona” (cat.), “femme” (fr.), “donna” (it.), “femeie” (rom.)), ora com a síncope (eliminação) da vogal breve postônica, que não era pronunciada, tendo mantida a sílaba tônica (*auricūla* > *auricla*: *orelha* (port.), *orella* (gal. e cat.), *oreja* (esp.), *oreille* (fr.), *orecchio* (it.) e *ureche* (rom.); *viridis* > *viridis*: *verde* (port., gal., esp., it. e rom.), *verd* (cat.) e *vert* (fr.));

– a noção de intensidade das vogais em detrimento da quantidade vocálica do latim, com ênfase no grau de estritura (estreitamento bucal) da vogal da

---

<sup>3</sup> “Em fonologia geral, André Martinet avalia o rendimento funcional (função linguística) das diferenças fônicas: partindo da distinção importante entre fatos fonéticos e fatos fonológicos, ele opõe as necessidades da comunicação (exigência de um número máximo de unidades que sejam as mais diferentes possíveis) e a tendência ao menor esforço (exigência de um número de unidades o menos possível diferentes). A tendência a harmonizar essas duas exigências leva à economia na língua ou à melhora do rendimento funcional. Cada unidade do enunciado é submetida a duas pressões contrárias: uma pressão (sintagmática) na cadeia falada, exercida pelas unidades vizinhas, e uma pressão (paradigmática) no sistema, exercida pelas unidades que poderiam figurar no mesmo lugar. A primeira pressão é assimiladora; a segunda, dissimiladora.” (Dubois *et al.*, 1994). (tradução livre)

sílaba tônica (as vogais longas passam a fechadas ( $\bar{o} > o$ ,  $\bar{e} > e$ ,  $\bar{i} > i$ ,  $\bar{u} > u$ ): *dolōre* > *dor* (port. e gal.), *dolor* (esp. e cat.), *dolore* (it.), *douleu*r (fr.) e *durere* (rom.); *rēte* > *rete* – *rede* (port. e gal.), *red* (esp.), “xarxa” (cat.), *rete* (it.), *réseau* (fr.) e *rețea* (rom.); as vogais breves altas ( $\bar{i} > e$ ,  $\bar{u} > o$ ) passam a intermediárias fechadas: *lūpus* > *lobo* (port., gal. e esp.), *llop* (cat.), porém: “lupo” (it.), “loup” (fr.) e “lup” (rom.); *mīnus* > *minus* – *menos* (port., gal. e esp.), *menys* (cat.), *menu* (it.), porém: “moins” (fr.) e “mai puțin” (rom.); as vogais breves baixas ( $\bar{e} > \varepsilon$ ,  $\bar{o} > \text{ø}$ ) passam a intermediárias abertas: *fĕstum* > *festum* – *festa* (pot., gal., cat. e it.), *fiesta* (esp.), *fête* (fr.) e “parte” (rom.); *rōsa* > *rosa* – *rosa* (port., gal., esp., cat. e it.), *rose* (fr.) e *roz* (rom.); as duas baixas ( $\bar{a}$ ,  $\bar{\alpha} > a$ ) passam a uma baixa levemente aberta: *uācca* > *vaca* (port., gal. esp. *vache* (fr.), *vacca* (it.) e *vacă* (rom.); *cāsa* > *casa* (port., gal., esp., cat., it. e rom.) e “maison” (fr.);

– a conservação do “s” final e restauração dos grupos consonantais “cl”, “fl” e “pl” (que em português passam às palatais “ch” e “lh” ou se mantêm (*clave* > *chave*, *oclu* > *olho*, *flamma* > *chama*, *pluvia* > *chuva*); em galego passam às palatais “ch” e “ll” ou se mantêm (*clave* > *chave*, *oclu* > *ollo*, *flamma* > *llama*, *pluvia* > *choiva*); em espanhol, passam à palatal “ll” ou se mantêm (*clave* > *llave*, *flamma* > *llama*, *pluvia* > *lluvia*, porém: *oclu* > “ojo”); em catalão, normalmente se mantêm (*clave* > *clau*, *flamma* > *flama*, *pluvia* > *pluja*, porém: *oclu* > “ull”); em italiano, o encontro consonantal se desfaz ou passa à gutural “ch” (*clave* > *chiave*, *oclu* > *occhio*, *flamma* > *fiamma*, *pluvia* > *pioggia*); normalmente não se altera em francês (*clave* > *clé*, *flamma* > *flamme*, *pluvia* > *pluie*, porém: *oclu* > “oeil”); em romeno, passa à gutural “ch” ou se mantêm (*clave* > *cheie*, *oclu* > *ochi*, *flamma* > *flacără*, *pluvia* > *ploaie*);

– a sonorização de consoantes surdas intervocálicas, que normalmente passam à sua homorgânica sonora: /t/ > /d/, /f/ > /v/, /p/ > /b/, /k/ > /g/ e /s/ > /z/, pode ocorrer em catalão (*felicitatē* > *felicidade* (port. e gal.), *felicidadē* (esp.), *felicitat* (cat.)); *rufus* > *ruivo* (port. e gal.), *ruivo* (cat.), *rubio* (esp.); *cepulla* > *cebola* (port. e gal.), *cebolla* (esp.), *ceba* (cat.); *aqua* > *água* (port.), *auga* (gal.), *agua* (esp.), *aigua* (cat.); *mensa* > *mesa* (port., gal. e esp.), “taula” (cat.). Não se verifica o metaplasmato da sonorização de surdas intervocálicas em francês (*rota* > *route*, *trifolio* > *trèfle*, *sapone* > *savon*, *focus* > *feu*, *rosa* > *rose*); também não se verifica em italiano (*felicitas* > *felicità*, *trifolio* > *trifoglio*, *cepulla* > *cipolla*, *aqua* > *acqua*, *amicus* > *amico*, *mensa* > *mensa*), nem em romeno (*felicitas* > *fericire*, *trifolio* > *trifoi*, *caepa* > *ceapă*, *aqua* > *apă*, *focus* > *foc*, *mensa* > *masă*);

– outras mudanças fônicas menos generalizadas como: simplificação de geminadas, nasalização, palatização, degeneração do intervocálico /b/ em /v/,

betacismo (transformação de /v/ ou /w/ em /b/) e assimilação também podem ocorrer: *gallina* > *galinha* (port.), *galiña* (gal.), *gallina* (esp., com a palatização /k/), *gallina* (cat. e it., sem a palatização /k/), *găină* (rom.); *auru* > *ouro* (port. e gal.), *oro* (esp. e it., com a monotongação), *or* (cat., com a monotongação), *aur* (rom.) ou *lumbu* > *lombo* (port. e gal., sem assimilação do “b”), *lomo* (esp.), *llom* (cat., com a palatização /k/); *domina* > *domna* > *dona* (port., gal. e rom., com assimilação do “m” e simplificação dos “nn”), *dama* (esp., com assimilação do “m” e simplificação dos “mm”), *doña* (cat., com assimilação do “m”, simplificação dos “nn” e a palatização /ɲ/), *donna* (it., com assimilação do “m”), *dame* (fr., com assimilação do “m” e simplificação dos “mm”); *caballu* > *cavalo* (port.), *cavall* (cat.), *cheval* (fr.), *cavallo* (it.), porém: *cabalo* (gal.), *caballo* (esp.), *cal* (rom.) ou *habere* > *haver* (port.), *avere* (it.), *aver* (cat.), *avoir* (fr.), *aveá* (rom.), porém: *aber* (esp.) e *haber* (gal.); *carbone* > *carbón* (gal. e esp.), *carbó* (cat.), *carbone* (it.), *charbon* (fr.), *cărbune* (rom.), porém: *carbone* > *carvão* (port.); *corvu* > *corb* (cat.), *corbeau* (fr.), porém: *corvo* (port. e it.), *cuervo* (esp.) e *cioară* (rom.).

Também na ortografia, observam-se os seguintes processos regulares nas línguas românicas da península Ibérica:

- uma influência do uso culto, refletindo a etimologia da forma vocabular, em muitos casos pseudoetimológicos;
- a adoção arcaizante de gráficos e sons ora em desuso.

Na morfologia, observam-se os seguintes processos regulares nas línguas peninsulares e no francês, no italiano e no romeno:

- a resgate do superlativo absoluto sintético em “-is(s)im” (port. *muitíssimo*; gal. *moitíssimo*; esp. *muchísimo*; cat. *moltíssim*; it. *moltissimo*. Não ocorre em romeno e nem em francês.), embora se efetivem mais acentuadamente na oralidade as formas analíticas, em formação de sintagma (port.: *muito bom*, *muito feliz*; gal.: *moi bo*, *moi feliz*; esp.: *muy bueno*, *muy feliz*; cat.: *molt bo*, *molt felig*; fr.: *très bien*, *très heureux*; it.: *molto buono*, *molto felice*; rom.: *foarte bun*, *foarte fericit*). As formas de superlativo absoluto sintético em “-errimo” e “-ilimo” só ocorrem no português (*paupérrimo*, *libérrimo*, *facílimo*, *humílimo*, tanto que em italiano tais formas são: *poverissimo*, *liberissimo*, *facilissimo*, *umilissimo*);
- a inovação de pronomes relativos a partir de *ille qualis* (port.: *o qual*; cat.: *el qual*; gal.: *o que*; esp.: *lo cual*; fr.: *lequel*; it.: *il quale*; rom.: *care*);
- os futuros e condicionais românicos com o concurso do verbo auxiliar (como em *amare habeo* > port. e gal.: *amarei*; esp. e cat.: *amaré*; fr.: *aime-rai*, it.: *amerò*; *cantare habeba* > port. e cat.: *cantaria*; gal. e esp.: *cantaria*; fr.:

chanterais; it.: cantarei). Em romeno, não ocorrem essas formas sintéticas de futuro e de condicional;

– a formação de advérbios em *-mente* (port., gal. e it.: *facilmente, normalmente*; esp.: *fácilmente, normalmente*, cat.: *fàcilment, normalment*; fr.: *facilement, normalement*). Tal formação de advérbios não se verifica em romeno;

– a conservação dos numerais ordinais, que funciona como um adjetivo discriminativo;

– a formação do quadro de artigos definidos a partir de um pronome latino “*ille e illa*” (port. e gal.: *o/a (os/as)*, esp.: *el/la (los/las)*, cat.: *el/la (els/les)*, fr.: *le/la (les/les)*, it. *il/la (i/le)*, rom.: *(u)l* ou *le/(u)a (i/le)*). Na língua romena, o artigo é posposto ao substantivo e declina em caso; o uso de “*ul*” ou “*le*” para os masculinos, depende da terminação do substantivo (Ex.: *lupul* – o lobo, *muntele* – a montanha, *marea* – o mar, *cafeaua* – o café; *lupii* – os lobos, *muntii* – as montanhas, *cafenelele* – os cafés). Como o romeno possui substantivos em “*-u*”, do gênero neutro, ocorre o artigo neutro “*l*”, singular, e “*le*”, plural (Ex.: *teatrul* – o teatro/*teatrele* – os teatros; *oul* – o ovo/ouăle – os ovos). Acresce-se o artigo neutro “*lo*”, em espanhol, que faz referência à noção abstrata na substantivação ou conversão de classes gramaticais (Ex.: *lo mejor, lo poco, lo dicho* etc.), ou dá ênfase (Ex.: *No imaginas lo cansado que estoy*). Em italiano, também há o artigo definido “*lo*” (pl. “*gli*”), mas não é de gênero neutro, que não ocorre na língua italiana. Esse artigo definido é usado antes de substantivos masculinos que começam por “*s*”, seguida por outra consoante (“*s*” impura), *z, pn, ps, gn* e *x*, como: *lo sport* (o esporte), *lo zucchero* (o açúcar), *lo psicólogo* (o psicólogo) etc.;

– a formação do quadro de artigos indefinidos a partir do numeral “*unus/una*” (port.: *um homem/uma mulher*; gal.: *un home/unha muller*; esp.: *un hombre/una mujer*; cat.: *un home/una dona*; fr.: *un homme/une femme*; it.: *un uomo/una donna*; rom.: *un bărbat/o femeie*). No romeno, o artigo indefinido é “*um*” para masculinos e neutros e “*o*” para femininos (Ex.: *un băiat/o fată* – um menino/uma menina, *un câine/o cățea* – um cão/uma cadela, *un pantof* – um sapato, *un teatru* – um teatro, *o roată* – uma roda, *o mașină* – um carro);

– a ampliação do quadro de preposições, com a perda de algumas preposições latinas. A ampliação se deu com a conversão de advérbios, que passaram a funcionar como elementos preposicionais; em português e em galego, denominam-se preposições acidentais (“*improprie ou acidental*”, em italiano).

– o desaparecimento das desinências casuais, que já se fazia sentir no latim vulgar do século III d.C., se confirma na emergência das línguas românicas. Contudo, o romeno conserva três declinações de caso nos substantivos num sincretismo entre o nominativo e vocativo e entre o dativo e o genitivo, além do acusativo. Logo, a língua romena possui desinências para esses três casos: nominativo/vocativo, acusativo, dativo/genitivo (Ex. *Îi dau băiatului* (Dat.) *o carte* (Ac.). – “Eu dou um livro ao menino.”; *Doamnelor și domnilor* (Voc.), *vă rog!* – “Senhoras e senhores, por favor!”; *Camera* (Nom.) *părinților* (Gen.) *are un balcon* (Ac.). – “O quarto dos pais tem uma sacada.”).

Também a perda das declinações ainda no latim vulgar (nomes da 5ª passaram para a 3ª e nomes da 4ª, para a 2ª declinação, por terem terminações semelhantes) constitui uma importante mudança morfológica. Mais tarde, dessas três declinações do latim vulgar, permaneceram apenas duas declinações – a 1ª declinação para os nomes femininos e a 2ª, para os nomes masculinos – facilitou o desaparecimento do gênero neutro nas línguas românicas. No romeno, porém, há um vestígio formal do gênero neutro nos nomes e nos pronomes; também se pode constatar um vestígio do neutro nos pronomes nas outras línguas neolatinas, como em português: *este/esta/isto* ou *aquele/aquela/aquilo*.

Quanto ao gênero neutro do romeno, Castro de Melo (1995) afirma o seguinte:

A identificação do neutro singular com o masculino e do neutro plural com o feminino é que explica o surgimento dos neutros romenos que, na verdade, são substantivos masculinos no singular e femininos no plural. Assim sendo, não há, propriamente, neutros em romeno, mas nomes morficamente ambivalentes. (Castro de Melo, 1995, p. 55)

Algumas criações na morfologia, que ocorreram na passagem do latim peninsular para as línguas românicas e, conseqüentemente, para as línguas neolatinas, podem ser observadas na língua portuguesa.

#### **a) Criação do futuro:**

- Nas línguas românicas, prevaleceram as formas perifrásticas do analfitismo latino, compostas do infinitivo mais o auxiliar “*habere*” em indicativo, com o significado de simples futuro (do presente ou do pretérito), no português.
- Ex.: *amare habet* > amare (h)abe(t) > amare a(b)e > amare ae/a(y) > amarea (= amará, em português)
- *amare habebat* > amare (h)abeba(t) > amare e(b)e(b)a > amare eea/ia (= amaria, em português)

De fato, o desaparecimento do futuro simples (*amabo* – “amarei”) e do futuro anterior (*amauera* – “terei amado”) foi causado pela evolução espontânea. Em consequência disso (falta do tempo futuro), nas línguas românicas sobreveio a necessidade de se expressar esse tempo, o que se deu por uma evolução motivada (no português: amar hei > amarei; terei amado).

### **b) Criação do quadro de artigos:**

- Na língua latina, não havia artigos.
- Nas línguas românicas, um quadro de artigos definidos e indefinidos foi criado a partir das formas de pronomes demonstrativos e de adjetivos numerais.
- Logo, os artigos indefinidos são os numerais “*unus, -a*” e os definidos são propriamente os demonstrativos “*ille e illa*”, esvaziados de pessoa do discurso, que se apresentam em terceira pessoa genérica, dando uma ideia de um conhecimento prévio do nome a que se relaciona.

### **c) Criação de um novo particípio:**

- A forma de particípio passado era de fato um adjetivo verbal (ex.: “*amatus, -a, -um*”), derivado do supino (Ex.: “*amatum e amatu*”), substantivo verbal. Servia a estruturas ativas e passivas, de acordo com o significado que assumia, podendo exprimir uma ideia de futuro. Daí, o particípio futuro latino.
- Ainda no latim, na voz ativa, o particípio funcionava como uma relativa (Ex.: “*metaque feruidis euitata rotis*” – “e a meta, que é evitada pelos carros violentos”); na passiva, era auxiliado por “*esse*” numa perífrase (Ex.: *Puer matre amatus est.*” – “O menino foi amado pela mãe.”).
- Nas línguas românicas, esse significado passivo se perdeu e passou a formar com um auxiliar uma forma de tempo composto, que se mantém nas línguas neolatinas e, portanto, no português. No francês, no italiano e no romeno, por exemplo, o particípio e uma flexão verbal auxiliar podem fazer as vezes do perfeito (Ex.: “*elle est arrivée*” – “ela chegou” e “*il a mangé*” – “ele comeu”, em francês; “*loro si sono messi i pantaloni*” – “elas vestiram as calças” e “*lui ha mangiato*” – ele comeu”, em italiano; “*el a plecat*” – “ele partiu” e “*ea a mâncat*” – ela comeu”, em romeno). No português, o particípio não flexionado e uma flexão verbal auxiliar podem formar o pretérito perfeito composto (Ex.: “ela tem/há saído”, “eles têm/hão comido”). Porém, no pretérito perfeito, a flexão do particípio de verbos de movimento se impõe em francês (“*il est arrivé/elle est arrivée/ils sont arrivés/elles sont arrivées*”) e em italiano (“*lei è arrivato/lui è arrivato/loro sono arrivati/le donne sono arriva-*

*te*”), como um verdadeiro adjetivo. No francês, o verbo auxiliar, que acompanha esse particípio, é sempre o “*être*” (“ser”), e no italiano, o “*essere*” (“ser”).

- No português atual, o particípio não sofre flexão nas formas compostas de pretérito (“temos cantado, tínheis vendido, haverei dito, houvessem partido), mas sofre na voz passiva (“ele é comprado, nós ficaremos rodeados(as), elas estavam destruídas”), como um verdadeiro adjetivo. Estruturas trecentistas do tipo: “Teve cercada aquela meesma cidade.”; “...das armas e doutras dezimas que eu tenio apartadas en tesouros per meu reino (1214 TL); “...tornelhy a soldada dubrada daquel ano se a recebeo. E se ñ ouue recebuda de’lhy outro tâto. (1280?FR)”, em que os particípios flexionados teriam composto uma perífrase de pretérito, devem ser analisados como em: “Vejo que temos a carta cerrada, selada e com sobre escrito... (TBCHP séc. XVI)” ou “...os Padres da Companhia de Jesus, que nelas tem tão dilatada a fé de Cristo. (TBCHP séc. XVI)”, em que o verbo transitivo direto “ter” exprime posse e o particípio funciona como um adjetivo discriminativo de seu núcleo substantivo (“carta” e “fé”, respectivamente). No caso de estruturas trecentistas com o verbo “ser”, do tipo: “...que ja era partido caminho de Samtarem. (CDJI, 383 A.D.)” devem ser analisados como em: “Era chegada a ocasião tão esperada”, em que o “era” é um verbo de ligação e o particípio funciona como um adjetivo predicativo do sujeito, ou como em: “São permitidas as festas pagãs nesta cidade.”, em que o “são” é o auxiliar do particípio da perífrase de voz passiva.

#### **d) Outras criações morfológicas ou lexicais:**

- Muitos advérbios se gramaticalizaram como preposição nas línguas românicas. No português tal fato se confirma pelo grande número de homônimos no léxico, relacionados às classes das preposições e dos advérbios.
- O aparecimento dos artigos (definidos: o/a (do demonstrativo “*ille/illa*”; indefinidos: um/uma (dos adjetivos numerais “*unus/una*”) foi causado pela evolução motivada (*discipulus* > o/um discípulo; *luna* > a/uma lua) para distinguir, inicialmente, o sujeito do complemento direto, em virtude da redução dos seis casos a somente dois: nominativo (acompanhado do artigo) e acusativo (com declinação).

Logo, as criações românicas constituem verdadeiras evoluções do latim vulgar, que ocorreram ainda na formação dos romances na România Medieval. Assim, além das muitas formas evoluídas espontaneamente, ocorreram criações motivadas pelas próprias vicissitudes da língua latina em uso

a partir dos novos contextos socioculturais após a queda do Império Romano.

Ocorreram também criações completamente novas, motivadas pelas necessidades de novas expressões do pensamento e de comunicação entre os membros das sociedades que se formavam nas regiões politicamente independentes ou em consequência do contato com línguas estrangeiras.

### 3. *O desenvolvimento em níveis sintático e semântico*

Em continuidade ao subitem anterior, em que se tratou dos aspectos fonéticos e morfológicos das transformações do latim peninsular, agora vamos falar especificamente dos aspectos de ordens sintática e semântica, que caracterizam as novas línguas românicas da península Hispânica mais propriamente.

Tenhamos em conta que é muito provável que a variação de natureza morfossintática seja uma padronização da gramática interior da própria língua, já que variações dessa natureza estão quase sempre condicionadas a fatores internos. O usuário falante certamente desempenha um papel fundamental no processo de mudanças morfossintáticas da língua que se efetiva em sua prática linguística comum, mas não as controla propriamente.

De certo, que se deve considerar a perspectiva sociolinguística que concebe essa variação linguística como um movimento comum e natural, mas que se dá comumente por fatores históricos e culturais, de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural, em que os seus usuários se manifestam oralmente (Cf. Coseriu, 1987). Exatamente, porque a língua deve ser vista “como ‘sistema de isoglossas’, que se estabelece com base no falar concreto e, historicamente, como unidade e continuidade duma tradição linguística numa comunidade” (Coseriu, 1987, p. 111).

Fato é que as regras morfossintáticas de um sistema linguístico, que é o que, de fato, o caracterizam como uma língua diferente de outra, não se deixam controlar facilmente pelo indivíduo falante, que realmente tem o controle das variações fonéticas e léxicas quase que plenamente.

Entretanto, observavam-se, ainda no latim vulgar peninsular, na morfossintaxe, os seguintes processos regulares:

- a perda dos casos, já que a oralidade se caracterizava por manter apenas dois casos: o Nominativo sem marca, porém acompanhado de um determinante (“*ille*”, fazendo as vezes de um artigo), e o Acusativo. Para as outras funções sintáticas, que eram marcadas pelas desinências de caso (dativo, ablativo e genitivo), usavam-se preposições que ligavam o termo regido ao

seu núcleo regente. O quadro de preposições latinas não era extenso, uma vez que o seu uso era restrito. Inicialmente, somente os casos de Abl e de Acus (com verbos de movimento) eram regidos por uma preposição (Abl: *de Libycis uerritur areis*. – “Arrebata-se das eiras líbias.”, *in schola* – “na escola”, *ab puellis* – “pelas meninas”, *parte de die* – “parte do dia”, *puer quis ex aula* – “que menino da corte”; *vas ex auro* – “o vaso de ouro”; Acus: *ad arma* – “às armas”, *Cumas apud* – “perto de Cumas”, *in scholam* – “para a escola”). Com o Gen (Ex.: *victoriae ergo* – “por causa da vitória”; *intus aquae* – “dentro da água ou na água”; *lumborum tenuis* – “até aos rins”; *Quis ex poetis?* – “Qual dos poetas?”), porém, ocorriam usos especiais. Bem mais tarde, com a redução dos casos, é que o quadro de preposições, de fato, se ampliou.

- sujeito e complemento acusativo se distinguiam das demais funções, que passaram a ser marcadas com uma preposição. No latim vulgar, predominavam o uso de estrutura analítica, com a redução dos casos: *liberillu* ou *unu libru*, *librilde libru*, *librolad libru*;
- a concordância do adjetivo com o substantivo mais próximo numa série de dois;
- ordem direta dos termos na oração (Nom V Acus Dat): *Diligit Deus hominem!*/*Deus diligit hominem!* – “Deus ama o homem!”, *Puellae flores puer dat.*/*Puer dat flores puellae.* – “O menino dá flores para a menina.”;
- preferência por orações desenvolvidas, iniciadas por uma conjunção (com um conector e flexão verbal): *Vulgus dicit terram esse rotundam.* – “O povo diz ser a Terra redonda.”/*Vulgus dicit quod terra est retunda.* – “O povo diz que a Terra é redonda.”;
- a anteposição do numeral ordinal e a posposição do numeral cardinal (port. e esp.: *sexta página/página seis*; cat.: *sisena pàgina/pàgina sis*; gal.: *sexta pàxina/pàxina seis*; fr.: *sixième page/page six*; it.: *sesta pagina/pagina sei*; rom.: *a șasea pagină/ pagina șase*);
- normalmente o adjetivo qualificativo (do tipo “*felix, -icis*”, “*utilis, -e*”, “*formosus, -a, -um*”) pospõe-se ao núcleo substantivo com o qual concorda em gênero e número e o determinativo (do tipo: “*ater, atra, atrum*”, “*celeber, -bris, -bre*”, “*gravis, -e*”, “*nulus, -a, -um*”, “*primus, -a, -um*”, “*verus, -a, um*”) antepõe-se ao núcleo substantivo, com o qual concorda em gênero e número; a inversão, porém, para se obter um realce ou outro efeito sintático-estilístico ou pragmático também era muito comum (Cf. Pinkster, 1995, p. 239; Marouzeau, 2017, p. 19-28; Botelho, 2018, p. 70-3). Contudo, pode-se dizer que a ordem natural do latim tardio era com o núcleo substantivo, seguido de seu periférico adjetivo na formação do sintagma

nominal. O difícil é saber distinguir o adjetivo qualificativo do determinativo. Na verdade, Marouzeau (2017) simplifica sobremaneira a questão da colocação do adjetivo, em relação ao núcleo substantivo a que se refere, a partir da distinção semântica entre o adjetivo qualificativo e o discriminativo (ou determinativo): este sucede o nome; aquele, o precede (Cf. Botelho, 2018, p. 62-70). Depois, discorre sobre o valor ocasional dos tipos de adjetivo, já que frequentemente um mesmo adjetivo pode assumir um valor ora qualificativo ora determinativo, por conseguinte, preceder ou suceder o seu núcleo substantivo dentro de um grupo nominal.

Todos esses processos morfossintáticos regulares do latim oral tardio se projetaram ao longo do tempo, chegando ao século VIII, durante a emergência das línguas românicas, e nelas se efetivaram, como se podem constatar nas línguas neolatinas que vimos estudando.

A ordem direta dos termos na oração (SVO), tendo o sujeito na primeira posição, seguido imediatamente pelo verbo e sua eventual complementação também é uma característica sintática das línguas românicas presente nas línguas neolatinas e, em especial, no português. Também a colocação do adjetivo qualificativo em posposição em relação ao seu núcleo substantivo pode ser observada nas línguas neolatinas.

No léxico da língua portuguesa, muitas palavras entraram tardiamente por via erudita, sem alteração fonético-gráfica fundamental (Ex.: *mácula* < *macula*, *dígito* < *digitu*, *pleno* < *plenu*, *óculos* < *oculus*, *cátedra* < *cathedra*, *caprino* < *caprinu*, *humílimo* < *humillimu*, *macérrimo* < *macerrimu*, *nobilíssimo* < *nobilissimu* etc.); em algumas delas, o significado é específico e nem sempre repete o significado da língua latina, como “óculos” (do lat. *oculus*, -i: “olho; vista; brilho, luz; gomo, renovo”). Na língua italiana, cujo léxico advém, em sua maioria, do nominativo latino, a semelhança gráfica é acentuada e o significado das palavras repete o significado da palavra latina na maioria dos casos. Porém, como no português, algumas assumem um significado específico, que nem sempre repete o significado da palavra latina (Ex. “sposa” (do lat. *sponsa -ae*: “esposa; noiva”) para “noiva”; “moglie” (do lat. *mulier*, -eris: “mulher; esposa”), para “esposa”; e “donna” (do lat. *domina*, -ae: “senhora; soberana; amante”) para “mulher”).

De fato, muitas vezes as mudanças semânticas das palavras latinas, ainda no latim vulgar, mesmo partindo de certos significados ou usos fraseológicos já atestados, divergiam gradualmente. Assim, por exemplo, o verbo “*levare*”, derivado de “*levis*”, que primeiramente significava “iluminar; aliviar” (como em português) e ainda no latim imperial também “levantar, elevar”, teve diferentes sentidos nas línguas neolatinas. Substituiu, parcial ou totalmente, os verbos “*ferre*, *tollere*, *surgere*, *oriri*”. Em português, chegou

em forma de “levar” (“conduzir; portar; retirar”); em galego, “levar” (“conduzir; tomar”); em espanhol, “llevar” (“conduzir; separar; cobrar”) ou “levar” (“levantar (vela); elevar, alçar); em catalão, “llevar” (“conduzir, levar; separar”); em francês “lever” (“levantar, elevar, erguer”); em italiano, “levare” (“levantar, erguer”), em romeno, “a lua” (“pegar, apanhar; receber”).

Outra evolução semântica constatável no latim imperial é o caso de “*paganus*” (de “*pagus*”: “aldeia, burgo, povoação”), o qual tinha, nos tempos clássicos, quando era um substantivo, dois sentidos distintos: o primeiro de “aldeão, camponês” (*i.e.*, “habitante de um “*pagus*”) e o segundo, usado na linguagem militar, de “civil, paisano” (naturalmente, em oposição a “soldado”, que era “*castrenses*”, de “*castra*”: “acampamento militar; quartel”). No uso dos primeiros cristãos, a palavra “*paganus*” tinha assumido o significado de “não cristão”, que se opunha, por conseguinte, a “*christianus*”. Certamente, a mudança de significado se deveu ao fato de os “*pagi*” (“aldeias, povoações”) terem sido durante muito tempo rebeldes contra a cristianização, que acontecia nos centros urbanos. Logo, quem era contrário à fé cristã, era considerado um “*paganus*” como os “*pagani*” rebeldes.

O sentido primitivo de “*paganus*” (*i.e.* “aldeão, camponês”) é raro nas línguas românicas; o sentido da linguagem cristã (*i.e.*, “não cristão; indivíduo que não foi batizado”) é o que prevalece nas línguas neolatinas: “pagão” (port.), “pagán” (gal.), “pagano” (esp. e it.), “pagan” (cat.), “païen” (fr.), “păgân” (rom.). Para o sentido de “aldeão, camponês, habitante de uma aldeia”, o catalão tem a palavra “pagès” para o sentido de “camponês” e “vilatan” para “aldeão”; as demais línguas neolatinas foram buscar outras fontes: no português, por exemplo, fez-se a derivação sufixal de “aldeia” (do árabe: *aD-Dai’â*: “aldeia, povoado”) para “aldeão” e de “campo” (do lat. “*campus*, -i: “campo, planície”) para camponês, como ocorre na maioria das línguas neolatinas.

Interessante é a evolução gráfica e semântica da forma latina “*parabola*” (do grego “*παραβολή*” – “*parabolé*”: “comparação, aproximação; discurso alegórico”), que, em retórica, primeiramente significava “comparação, semelhança; provérbio” e tardiamente “palavra, discurso”. Com a aceção de “palavra”, superando em uso a forma “*verbum*”, que se espalhou pelas línguas romances, com exceção do romeno (que usa a forma “*cuvânt*”, de origem desconhecida, as formas gráficas são diversas nas diferentes línguas neolatinas: *parabola* > *palavra* (port.), *palabra* (gal. e esp.), *paraula* (cat.), *parole* (fr.), *parola* (it.). A palavra latina “*parabola*”, com o sentido de “parábola, narrativa alegórica; curvatura”, também compõe o vocabulário do português – com a entrada tardia por via erudita – (“parábola”), do galego (“parábola”), do espanhol (“parábola”), do catalão (“paràbola”), do francês (“parabole”), do italiano (“parabola”) e também do romeno (“parabolă”).

Em todas essas línguas neolatinas, ainda que se possa estabelecer uma relação com as significações primitivas do verbo latino “*levare*” ou do substantivo latino “*parabola*”, inovações lexicais se processaram ao longo do tempo nas línguas que emergiram do latim vulgar. Em algumas delas as inovações semânticas se repetem, porém, tais inovações não se efetivaram de uma mesma forma em todas as línguas do extenso território do antigo Império, porque ou não tinham força suficiente ou surgiram num momento em que determinadas línguas já se encontravam com a base de seu léxico praticamente estabelecida.

Curiosa é a semelhança gráfica das formas vocabulares para os numerais das línguas neolatinas entre si, por terem mantido a raiz das formas latinas, das quais se originaram:

Numerais cardinais										
latim	unus	duo	tres	quattuor	cinque	sex	septem	octo	novem	decem
português	um	dois	três	quatro	cinco	seis	sete	oito	nove	dez
galego	un	dous	tres	catro	cinco	seis	sete	oito	nove	dez
espanhol	uno	dos	tres	cuatro	cinco	seis	siete	ocho	nueve	diez
catalão	un	dos	tres	quatre	cinc	sis	set	vuit	nou	deu
italiano	uno	due	tre	quattro	cinque	sei	sette	otto	nove	dieci
francês	un	deux	trois	quatre	cinq	six	sept	huit	neuf	dix
romeno	unu	doi	trei	patru	cinci	şase	şapte	opt	nouă	zece

Numerais ordinais										
latim	primus	secundo	tertius	quartus	quintus	sextus	septimus	octavus	nonus	decimus
português	primeiro	segundo	terceiro	quarto	quinto	sexto	sétimo	oitavo	nono	décimo
galego	primeiro	segundo	terceiro	cuarto	quinto	sexto	sétimo	oitavo	novena	décimo
espanhol	primero	segundo	tercero	cuarto	quinto	sexto	séptimo	octavo	noveno	décimo
catalão	primer	segon	tercer	quart	cinquè	sisè	setè	vuitè	novè	desè
italiano	primo	secondo	terzo	quarto	quinto	sesto	settimo	ottavo	nono	decimo
francês	premier	deuxième	troisième	quatrième	cinquième	sixième	septième	huitième	neuvième	dixième
romeno	primul	doilea	treilea	patrulea	cincilea	şaselea	şaptelea	optulea	nouălea	zecelea

Nota: Nas línguas neolatinas, deu-se a conservação dos numerais ordinais, que funcionam como um adjetivo descritivo e, por conseguinte, anteposto ao seu núcleo substantivo: “a terceira casa” (port. e gal.), “la tercera casa” (esp. e cat.), “la troisième maison” (fr.), “la terza casa” (it.) e “a treia casa” (rom.).

Constitui também uma mudança semântica o desaparecimento do gênero gramatical neutro, cuja causa se refere à falta de conservação de uma concepção primitiva (animista), que justificava a divisão masculino/feminino/neutro nas diferentes línguas indo-europeias mais antigas, em que o gênero neutro se referia aos seres inanimados por excelência. No latim, contudo, seres inanimados também podiam ter o gênero masculino (Ex.: *rivus*, -i – “rio”; *caelus*, -i – “céu”; *sol*, -is – “sol”; *dies*, -ei – “dia”) ou feminino (*aqua*, -ae – “água”; *ficus*, -i – “figueira”; *arbor*, -oris – “árvore”; *domus*, -us/-i – “casa”; *materies*, -ei – “matéria”), além do neutro (*templum*, -i – “templo”; *vulgus*, -i – “povo”; *mare*, -is – “mar”; *flumen*, -inis – “rio”; *gelu*, -us – “gelo”), o que provocava certa indecisão, pois a classificação das palavras latinas quan-

to ao gênero neutro era confusa até mesmo entre os literatos. Convém ressaltar que o neutro já não era praticado no latim vulgar desde o século II, quando a Dácia foi dominada pelos romanos e profundamente romanizada em aproximadamente cinquenta anos. Portanto, como esse gênero gramatical se conservou na língua romena, como já vimos antes, supõe-se que o latim vulgar, introduzido naquele território, tenha sido levado por uma comunidade linguística romana muito tradicional. Daí, poderem ser constatadas muitas características linguísticas do latim na língua romena não só no léxico, mas também na morfologia, em que se destaca o morfema de marcação de plural “-i” para inúmeras palavras masculinas (*băiat/băieți* – “menino/meninos”, *elev/elevi* – “estudante/estudantes”, *lupul/lupi* – “lobo/lobos”, *fiu/fii* – “filho/filhos”, *membri/membri* – “membro/ membros” etc.), herança latina do nominativo plural da 2ª declinação.

Algumas criações na morfossintaxe, que ocorreram na formação das línguas românicas e que passaram para as línguas neolatinas, também podem ser observadas na língua portuguesa.

#### **a) criações morfossintáticas:**

- A perda dos casos motivou outras criações, como por exemplo, a ampliação do quadro de preposições e a fixação de termos quanto à sua colocação na frase. Por um processo de gramaticalização (ou mudança de classe), muitos advérbios foram tomados como preposições; são as chamadas preposições acidentais, cuja forma gráfica cria uma homonímia com a sua forma originária.
- Como já ocorria no latim vulgar da época imperial, a redução do quadro de declinações a apenas duas – a 1ª declinação para os nomes femininos e a 2ª, para os nomes masculinos, o português adotou a primeira declinação (para os femininos) e a segunda declinação (para os masculinos): o lobo/os lobos; a loba/as lobas; o carro/os carros; a casa/as casas.
- As línguas da parte da România mais próxima do Ocidente europeu dispensaram o nominativo e ficaram com o acusativo singular (sem “-m”) e plural na formação do seu léxico: *lupa[m]/lupas* – “loba/lobas”; *lupo[m]/lupos* – “lobo/lobos”; *rege[m]/ reges* – “rei/reis”; *portu[m]/ portus* – “porto/portos”; *die[m]/dies* – “dia/dias”. Em geral, a forma de acusativo persistiu nas línguas neolatinas, como é o caso do léxico português, em que predominam formas de acusativo singular (sem “-m”: *luna[m]* > lua, *lupu[m]* > lobo, *patre[m]* > pai, *virgine[m]* > virgem, *manu[m]* > mão, *die[m]* > dia). Daí, ser o acusativo latino denominado o caso lexicogênico da língua portuguesa.

➤ O mirandês, o galego, o espanhol, o catalão, o provençal e o francês também preferiram o acusativo, cuja terminação de plural dos masculinos e femininos era a mesma nas cinco declinações. Logo, como em português, a marca de número plural “-s” do acusativo se generalizou naquelas línguas românicas: *lobo/lobos* (gal.), *rey/reyes* (esp.), *port/ports* (fr.), *dia/dies* (cat.). Essa persistência do acusativo – mudança motivada –, porém, não se verifica nas línguas: dalmático (extinto), italiano (fiorentino) e romeno. Nelas, persistiram as formas de nominativo. Portanto, o italiano, o romeno e o extinto dalmático preferiram a primeira e a segunda declinações com o seu nominativo de plural duplo. Logo, no italiano, por exemplo, a marca de número plural é “-i” para os masculinos e substantivos femininos terminados em “-o” e “-e” para os femininos (Ex.: *ragazzo/ragazzi* – “menino/meninos”; *donna/donne* – “mulher/mulheres”; *problema/problemi* – “problema/problemas”; *mano/mani* – “mão/mãos”; *scarpa/scarpe* – “sapato/sapatos”). Há o plural irregular em italiano (Ex. *dito/dita* – “dedo/dedos”; *uovo/uova* – “ovo/ovos”) e palavras invariáveis como: *il re/i re* – “o rei/os reis”; *la città/le città* – “a cidade/as cidades”. Também não se pode deixar de observar que o romeno conservou o fenômeno da declinação e o gênero neutro em sua gramática.

➤ De modo geral, nas línguas românicas, também permaneceram o nominativo, o acusativo e o dativo em formas de pronomes pessoais (como em port.: “eu – me – mim” ou gal.: “eu – me – min”; esp.: “yo – me – mí”; cat.: “jo – me – mi”; fr.: “je – me – moi”; it.: “io – me – mi”; rom.: “eu – mă – mie”).

#### **a) criações semânticas:**

➤ Semanticamente, pode-se verificar que ocorreram algumas mudanças quanto à colocação dos termos na frase, tal como a reação contra a concordância “*ad sensum*” (“conforme o sentido”, que se fazia com um termo oculto – silepse – ou subentendido).

➤ As criações semânticas que ocorreram no léxico das línguas românicas devem ser estudadas à parte e separadamente, pois se trata de um estudo específico sobre a formação do vocabulário de cada uma daquelas línguas, que se formou em contextos e momentos diversos.

➤ Na semântica dos itens lexicais também se podem observar mudanças em processo, porém, de modo geral, foram mantidos os sentidos do léxico latino nas línguas românicas.

Ainda quando uma palavra assume uma nova significação numa língua românica, uma relação de sentidos com a palavra latina pode ser estabe-

lecida com propriedade: o termo “doutor” < *doctor*, que, em português designa “aquele que é muito douto, sábio ou detentor de muito conhecimento”, mantém o sentido de “*doctor, -oris*” (do lat.: “aquele que ensina; professor; aquele que professa o muito conhecimento adquirido”), ou “mágoa” < *macula*, que significa “mancha; desgosto, amargura; sentimento ou impressão desagradável, causado por uma ofensa”, também mantém o sentido de “*macula, -ae*” (do lat.: “mancha na pele; nódoa; desonra; vergonha”).

Decerto que as línguas românicas são uma das principais fontes para a reconstrução do léxico do latim vulgar, e que essas mesmas línguas românicas constituem a base do léxico da maioria das línguas neolatinas, mas estamos longe de conhecer perfeitamente o léxico de todas as línguas dialetais e de todos os dialetos das diversas línguas de origem latinas.

Também, é certo que é dessas línguas românicas que se originam o que comumente denominamos línguas neolatinas, embora haja autores que também não distinguem as duas denominações. Tomam o termo “línguas românicas” por “línguas neolatinas”, não veem nestas um estágio evoluído daquelas; não consideram o fato de muitas línguas românicas não terem evoluído para uma língua neolatina e, ainda, o de haver línguas neolatinas que não evoluíram de uma língua românica propriamente, como é o caso da língua portuguesa e da língua galega, que se originaram do românico galaico-português comprovadamente.

As línguas neolatinas “português” e “galego”, em especial, não chegaram a ser uma língua românica como estágio da evolução de um românico, pois se originam diretamente do românico galaico-português, falado no Condado Portucalense, do qual se instituiu o Reino de Portugal. Logo, o mesmo galego-português passou a ser o português, língua oficial do Reino de Portugal, e o galego, língua dialetal, na Galiza – região da Espanha.

#### **4. A instituição das línguas neolatinas**

Considerando o fato de as línguas românicas, que constituem a evolução do que vimos chamando de românicos (ou línguas romances), serem a origem das línguas neolatinas ou propriamente as línguas neolatinas, convém comentar sobre o que as caracteriza e como elas se instituem como tal.

O professor Ismael de Lima Coutinho (1976) observa que surgiram inúmeros romances, muitos dos quais evoluíram para uma língua neolatina, que não se derivaram diretamente do latim. Em seguida afirma que “não se pode precisar a época exata da formação dos romances, nem a do desaparecimento do latim vulgar” (Coutinho, 1976, p. 43) e cita o romanista america-

no Charles Hall Grandgent, que afirmara que “o período deste estende-se do ano 200 a.C. até pouco mais ou menos o de 600 da Era Cristã” (*Id., ibid.*, p. 43), quando os primeiros romances teriam aparecido. Logo, o romance se relaciona a uma fase que vai da perda da unidade linguística do Império Romano até o surgimento dos primeiros textos na língua românica de uma dada região.

Como muitas eram as comunidades linguísticas gótico-cristãs que se formaram em toda a Hispânia com a chegada, no século VI, dos visigóticos, que dominaram os primeiros bárbaros invasores, muitos eram os falares regionais (romances ou romances) que se formaram da dialeção do latim vulgar após a queda do Império.

As línguas românicas, que, por volta do século VIII, emergiram desses romances, formam um grupo de sistemas linguísticos geneticamente relacionados; “elas são, pelo menos no seu patrimônio principal, a continuação do latim e não há nenhuma interrupção entre o latim e o romance”<sup>4</sup> (Tagliavini, 1972, p. 91), mormente se considerarmos que o período entre a unidade latina do Império e a da atestação das línguas românicas não é muito longo, e que a sua fonte comum – o latim – é conhecida e tem sido elemento-base de cotejos dessas novas línguas.

Uma vez evoluído e praticamente instituído como uma língua nos reinos cristãos, que surgiram por volta do século VIII, os romances têm sido denominados pelos historiadores como línguas românicas. Língua românica é, pois, um estágio do que vimos denominando romance. Contudo, muitos estudiosos tomam o termo “romance” como “o próprio conjunto das línguas românicas ou neolatinas”, tanto que a literatura estrangeira faz alusão ao termo “línguas romances” (“lingue romanze”, na literatura italiana; “lenguas romances”, na espanhola; “langues romanes”, na francesa; “Romance languages”, na inglesa; etc.) sem distinguir os três estágios do processo de evolução do latim vulgar após a queda do Império Romano: do meado do século V até o início do século VIII; do século VIII ao século X; e do século X em diante.

Embora já se pudessem identificar verdadeiras línguas nos reinos gótico-cristãos do século VII, os renomados Especialistas no assunto afirmam que a emergência das línguas românicas se deu nos séculos VIII-IX, após a formação dos reinos cristãos durante a Reconquista Cristã da península Ibérica (Cf. Nunes, 1969; Bassetto, 2001; Teyssier, 2004; e outros).

É dessa época o primeiro documento em uma língua românica: *Sacramenta Argentariae* (Juramentos de Estrasburgo). Os juramentos foram

---

<sup>4</sup> “[...]; esse sono, per lo meno nel loro patrimonio principale, la continuazione del Latino e non vi è alcuna interruzione fra Latino e Romanzo; [...]”.

pronunciados em 14 de fevereiro de 842, um deles, o de Luís, foi escrito em protofrancês e transcrito por Nithard, outro neto de Carlos Magno. Juramentos feitos pelos dois filhos de Carlos Magno: Luís, o Germânico (Louis le Germanique) e Carlos, o Calvo (Charles, le Chauve). Esse texto é exemplo de um romance, cujo grau de evolução o faz semelhante à língua francesa atual, o que lhe confere a denominação protofrancês” que lhe dão os historiadores. Trata-se, portanto, de um texto em uma língua românica.

Na península Ibérica, um número muito grande de romances cristãos se desenvolvia nas várias regiões de comunidades linguísticas de origem gótico-cristã; mais tarde, com a ocupação muçumana, também surgiu o romance moçárabe (denominação comum a um grupo de falares moçárabes), que também era de origem cristã. Alguns desses romances evoluíram para uma dada língua românica nos reinos cristãos, que surgiram durante a resistência ao islamismo na península (como é o caso do aragonês, no Reino de Aragão, o castelhano, no Reino de Castela, o catalão, no Condado da Catalunha e o leonês, no Reino de Leão) e, posteriormente, para uma língua neolatina (como é o caso do castelhano, no Reino de Leão e Castela, e o catalão, na Catalunha).

Convém ressaltar que muitos desses romances deixaram de ser usados ou se misturaram a outros numa nova formação; a maioria deles, portanto, nem chegou a constituir uma língua românica (como é o caso do asturiano, o cântabro (ou montanhês ou fala asturo-leonesa), o navarro (ou navarro-aragonês), o arão (ou aran) e outros).

Também há casos de línguas românicas que não são, nos dias atuais, propriamente uma língua neolatina: o aragonês, o leonês e o asturiano. Tanto o aragonês como o leonês, que são línguas regionais restritas cada qual a uma região específica na Espanha, reclamam por reconhecimento semelhante ao dado ao galego e ao catalão.

Ainda ao Norte do território espanhol, no Principado das Astúrias, uma Comunidade Autônoma de Espanha, ocorre o asturiano, que é propriamente um glossônimo (grupo ou família de línguas ou falares ou dialetos) de natureza asturo-leonesa. O asturiano (ou asturo-leonês) não tem *status* de língua oficial, mas é falado por, mais ou menos, cem mil pessoas e possui uma gramática e ortografia própria e uma literatura em desenvolvimento; na região ocidental do Principado, é considerado leonês, com o qual se confunde. E esse asturiano não constitui um dialeto (ou modalidade variante) do leonês e nem do castelhano, que é a língua oficial de toda a Espanha; é propriamente uma língua regional – a língua asturiana –, ainda que não tenha o *status* de língua, cuja noção é puramente política, como observou o jesuíta galego Luis Alfonso de Carvalho, em 1998, segundo Viejo Fernández (2016, p. 82).

Viejo Fernández (2016, p. 89) finaliza o seu artigo, afirmando que novos textos, escritos em asturiano, comprovam que “a língua emergente nas Astúrias depois da Idade Média já não é aquele antigo asturo-leonês genérico, mas um modelo totalmente asturiano implicitamente articulado sobre padrões morfológicos da variedade central da língua”<sup>5</sup>.

Convém ressaltar que se distinguem aqui os conceitos de “línguas românicas” (que se confundem com o conceito de “romanço”) e de “línguas neolatinas” (que se referem às línguas modernas e se confundem com o conceito de “língua comum ou nacional”), sem perder a consciência de que o conceito de “língua” em face do de “dialeto” não é unânime.

Anteriormente vimos que, numa região fronteira entre o francês e o provençal, ocorre um glossônimo arpiano ou uma língua franco-provençal, que Hermann Suchier denominou médio rodanês, e Meyer-Lübke, francês do sudeste, já que esses estudiosos pensavam que o franco-provençal não chega a constituir propriamente uma língua, apesar de ser uma modalidade largamente utilizada nos limites da França, Suíça e Itália. Segundo Silveira (1988, p. 17), o franco-provençal é uma das dez principais línguas neolatinas, numa lista em que não figura o sardo. Certamente, o critério utilizado pelos autores em suas concepções de língua ao enumerarem as línguas neolatinas não é unívoco, já que se podem considerar diferentes critérios, pois diversos são os fatores a eles ligados: literários, culturais, históricos, econômicos e políticos, na conceituação de língua e de dialeto.

Na Córsega, uma ilha do mar Mediterrâneo, ao oeste da Itália, que é uma região administrativa da França, ocorre o corsa (ou corso), que é considerado por muitos estudiosos uma língua românica (ou neolatina) oficialmente falada ao lado do francês.

Não menos importantes que essas “línguas” destacadas anteriormente, ocorrem as inúmeras línguas dialetais da atual Itália, que também são consideradas por muitos estudiosos como dialetos italianos. Das em torno de 400 modalidades, destacam-se: apuliense, barese, bolonhês, calabrés, campano, fiorentino (que é oficialmente a língua italiana), friulano, ligúrio, lombardo, milanês, napolitano, piemontês, romano (ou romanesco), romanholo, siciliano, tirolês, toscano, veneto, veneziano.

De fato, em quase todas as regiões (províncias) da Itália, dá-se um bilinguismo, em que se usa o italiano e uma língua dialetal ou uma língua estrangeira como o alemão, corsa, o esloveno, o francês etc. Segundo De Mau-

---

<sup>5</sup> “[...] la lengua emergente en Asturias después de la Edad Media ya no es ese asturleonés genérico antiguo, sino un modelo plenamente asturiano implícitamente articulado sobre los patrones morfológicos de la variedad central.”

ro (2005), uma estatística recente revela que 44% dos italianos fala exclusiva ou predominantemente a língua italiana, somente 5% fala um dialeto próprio ou outro idioma diferente do italiano e 51% alterna o italiano com uma das línguas dialetais (regionais).

Na atual península Ibérica, contudo, nos seus dois países existentes – nações independentes –, cinco línguas neolatinas são hoje oficiais e, portanto, línguas comuns (ou nacionais): o português é o idioma nacional em Portugal, tendo o mirandês como sua segunda língua oficial e utilizada numa região restrita de Miranda do Douro, e em Espanha, o castelhano é o idioma nacional; o galego e o catalão são línguas dialetais (do latim) ou regionais ou naturais – aquele, na Comunidade Autónoma da Galiza, que só a partir da metade do século XX passou a ser reconhecido como uma língua; este, na Comunidade Autónoma da Catalunha. Também na Espanha, o basco, que não é uma língua neolatina, se impõe na Comunidade Autónoma do País Basco.

Quanto à similitude dessas línguas românicas (ou neolatinas ou novilatinas) entre si e com o antigo latim, pode-se dizer que há muito mais semelhanças do que diferenças, principalmente quando o cotejo se efetiva entre duas ou mais línguas próximas foneticamente. Por exemplo, a comparação entre o português e o galego ou entre o galego e o castelhano ou entre o catalão e o provençal certamente se revelariam muito mais elementos semelhantes do que a comparação entre os distantes português e catalão ou entre os distantes espanhol e o francês. Porém, revelar-se-ão semelhantes o português e o catalão, se uma língua intermediária for considerada: o espanhol pode intermediá-los; o catalão pode servir de intermediário entre o espanhol e o francês; o sardo pode servir de intermediário entre o romeno e o italiano.

Certamente, o distanciamento ou proximidade das línguas de origem latina tem a ver com o grau de sua evolução fonética em relação ao latim. Segundo os estudos do linguista e latinista ítalo-americano Mario Andrew Pei (1969), quanto maior a percentagem de distanciamento fonético de uma dada língua neolatina é do latim, mais distante ela será de outra que lhe é afim. Daí, seria também o que justificaria o grau de diferença (ou de semelhança) entre elas.

Quanto aos graus de distanciamento da fonética latina, caracterizado pelos graus de modificação fonológica das vogais tônicas das línguas românicas em relação ao latim, Pei (1969, p. 138) apresenta o seguinte quadro:

língua neolatina	porcentagem
sardo	8%
italiano	12%
espanhol	20%
romeno	23,5%
catalão	24%
provençal	25%
português	31%
francês	44 %

Como se pode observar, considerando o sistema fonético, com ênfase na vogal tônica, das línguas neolatinas, o sardo é a língua mais semelhante ao latim, e o português e o francês as mais diferentes. Porém, essa classificação, de natureza fonética, é apenas uma das diferentes classificações, que podem ser feitas sob outros critérios.

Convém assinalar que a classificação interna das línguas românicas tem gerado muitas discussões sem que se chegue a uma definição, pois se trata de um tema deveras complexo e, por vezes, controverso. As inúmeras classificações, que têm sido propostas desde os comparativistas do século XIX, baseiam-se em diferentes critérios.

O método histórico-comparativo, usado por esses especialistas, por exemplo, favorecera-lhes a criação de árvores genealógicas de línguas. Supunham eles que as línguas modernas tenham-se evoluído de uma protolíngua a partir de uma sequência de divisões binárias, ocorridas ao longo do tempo. Supunham, também, que o grau de mudança linguística estaria relacionado ao tempo decorrido, e que seria possível deduzir as características das sequências de divisões binárias a partir da comparação entre línguas afins, considerando as suas diferenças.

## 5. *Considerações finais*

De fato, não se pode negar que a língua latina falada pelos povos das províncias romanas não era o mesmo que se falava em Roma, pois as influências das línguas substratas foram inevitáveis. Logo, o latim vulgar sofrera, desde o século III da nossa era, na época do Império romano em decadência, o fenômeno da dialeção. E esse processo, que se intensificara após a queda do Império do Ocidente com o fim da romanização, causou a transformação do latim vulgar em novas línguas.

Neste trabalho, procurei descrever certos aspectos da formação dessas línguas emergentes do latim. Logo, essa descrição dos aspectos de ordem fonética, morfológica, sintática e semântica das transformações do latim vulgar, comprova a instituição das novas gramáticas na România, mais especificamente na península Hispânica.

Assim, ao tratar especificamente da evolução linguístico-gramatical dessas línguas românicas, que se formaram paulatinamente do latim vulgar, espero ter demonstrado como se instituíram as línguas neolatinas da modernidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. v. I, História Externa das Línguas Românicas. São Paulo: Edusp, 2001.

BOTELHO, José Mario. *Estudos introdutórios de Filologia Românica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

\_\_\_\_\_. *História e formação do léxico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

\_\_\_\_\_. *Colocação de palavras dos sintagmas nominais em odes de Horácio: uma abordagem sintático-estilística*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas. Programa de Pós-Graduação Culturas da Antiguidade Clássica: O discurso latino clássico e humanístico) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2018. 241f.

\_\_\_\_\_. Causas e consequências da dialeção da língua latina: Um pouco de história externa da língua portuguesa. *Anais do XIV CNLF*, v. XIV, n. 4, Tomo 3, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 2471-81. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_3/2471-2481.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2471-2481.pdf).

\_\_\_\_\_. Conceitos fundamentais acerca de fatores de evolução linguística. *Revista Philologus*, Ano 14, n. 42, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008a. p. 52-65. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/42/conceitos\\_fundamentais\\_acerca\\_de.pdf](http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/42/conceitos_fundamentais_acerca_de.pdf).

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*, 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985a.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985b

CASTRO DE MELO, Zilda Maria Zapparoli. Uma visão comparativo-contrastiva da língua romena por níveis de descrição linguística. *Anais do 2º Encontro de Estudos Românicos*, v. 2, p. 52-65. Belo Horizonte-MG: UFMG, 1995. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_estudos\\_romanicos/article/view/7970/6906](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_estudos_romanicos/article/view/7970/6906).

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. Título original: *El hombre y su lenguaje*, 1921.

\_\_\_\_\_. Sobre el futuro romanze. *Revista Brasileira de Filologia*, v. 3 Tomo I, p. 1-18, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, junho, 1957. Disponível em: <https://coseriu.ch/eugenio-coserius-work/>.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DE MAURO, Tullio. Come parlano gli italiani. *Quaderns d'Italià*, 10, p. 133-48, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qdi.92>.

HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa*. I. Séculos XII, XIII e XIV. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos)

HERCULANO, Alexandre. *Portugaliae monumenta historica*. Lisboa: ACL, 1867. 4 Volumes. Disponível em : <https://archive.org/details/portugaliaemonumentahistoricadipv1/page/n15/mode/2up>.

MAROUZEAU, Jules. *A ordem das palavras em latim*. Trad. de José Mario Botelho. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, título original: “*L’ordre des mots en latin*”, 1953.

MARTINET, André. *Économie des changements phonétiques*. Berne: Francke, 1955.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1969 [1919].

PEI, Mario Andrew. A New Methodology for Romance Classification, *Word*, v. 5, n. 2, p. 135-46, 1949. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1949.11659494?needAccess=true>.

PINKSTER, Harm. *Sintaxis y semântica del latín*. Trad. por M. Esperanza Torrego e Jesús de la Villa. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad. de J.M. Camara Jr. Rio de Janeiro: Academia, 1971. Título original: “*Language: An Introduction to the Study of Speech*”, 1921.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*: Introduzione alla Filologia Romanza. 6. ed., interamente rielaborata ed aggiornata con 51 figure e 98 retratti. Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron, 1972. Disponível em: [file:///C:/Users/Pc/Downloads/Carlo\\_Tagliavini\\_Le\\_origini\\_delle\\_lingue.pdf](file:///C:/Users/Pc/Downloads/Carlo_Tagliavini_Le_origini_delle_lingue.pdf).

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <https://ia801206.us.archive.org/25/items/PaulTeyssierHLP20/Paul%20Teyssier%20%20HLP%2020.pdf>.